

# O segredo do chefe de polícia

**Por Bernard Kerik**

TODOS O VIRAM mobilizando com firmeza as equipes de resgate após os ataques do 11 de Setembro. Mas existe outra história sobre o ex-comissário de polícia de Nova York: um mistério pessoal que ele estava determinado a esclarecer.

## Sonho recorrente

**A**LUZ SE INFILTRA pela fresta da porta. Da cama, ouço vozes do outro lado e desejo profundamente que seja minha mãe ou meu pai. No entanto, é a mulher que mora naquela casa. Não faço idéia de quem ela seja.

Às vezes, há outras crianças aqui. Brinco com elas durante o dia, mas, quando a noite cai, todas desaparecem. E a sensação de abandono é ainda maior. Onde está minha mãe e por que não vem me buscar?

Choro até dormir, acreditando que vou acordar em seus braços. Mas de manhã continuo só. Saio da cama e vou à cozinha. Vejo a mulher e pergunto:

– Quando minha mãe vem me buscar?

Ela olha para mim e sorri com ternura. A voz não é áspera.

– Talvez hoje, querido.

Logo, porém, chega a noite outra vez, e o medo toma conta de mim como uma febre. Não quero voltar para o quarto.

A mulher estende a mão negra e envelhecida. Conduz-me ao quarto e me põe na cama. Não quero ficar aqui! Deito-me, fitando a coluna de luz que entra pela fresta da porta.

– Onde está minha mãe? – grito. Mas ninguém responde.

De repente me sento na cama, banhado de suor. São 5h45 e não te-

nho 4 anos. Tenho 45 e estou ao lado de minha mulher. Tive o sonho de novo.

Há 40 anos esse sonho se repete, e sei que está ligado a lembranças reais. Os trechos da minha vida de que me lembro – a pobreza, o crime, os anos de luta, as brigas, as conquistas improváveis, a tragédia – parecem sonhos.

Mas é esse outro sonho que me persegue: essas lembranças claras de um menino abandonado, de um filho perdido esperando o retorno da mãe. É meu maior mistério, um vazio no âmago de mim mesmo.

Não consigo acreditar que fui ter esse pesadelo justamente hoje. Levanto-me da cama e vou para o chuveiro.

É o dia 19 de agosto de 2000. Dentro de poucas horas, estarei na prefeitura, atingindo o ápice da minha carreira de policial. Estarei diante do prefeito Rudolph Giuliani, enquanto ele anuncia a todos minha nomeação como 40º comissário de polícia de Nova York.

## O laudo do legista

**N**OVE MESES depois, em maio de 2001, toca o telefone do meu gabinete. É Lenny Lemer, policial da Divisão de Inteligência e meu amigo de longa data.

– Consegui algumas informações sobre o que você queria – diz ele.

Aperto o telefone.



**Vias tortuosas –**  
‘A vida de minha mãe,  
Patricia, teria sido  
diferente, se alguém  
tivesse acreditado nela.’

– O que descobriu?

– Parece que é ela – avisa. – Talvez não devêssemos falar sobre isso pelo telefone. É melhor eu ir até aí.

– Não tem problema – afirmo. – Esta linha é segura. Pode falar.

Do outro lado, ouço o ruído de papéis.

– Ela tem uma ficha criminal bastante extensa – diz Lenny.

Ele hesita. Deve haver algo que não quer me contar.

– Não tem problema – asseguro. – Pode ler.

Meu amigo suspira.

– Ela usava dez nomes falsos:

Joann Evaline Bailey, Patricia Joann Curtis, Joann Evaline, Patricia Joann Fletcher, Patricia J. Bailey...

Depois de ler o décimo, ele acrescenta:

– E foram três prisões. Duas por prostituição, uma por fuga.

De novo, insisto para que continue. Dessa vez, porém, ele se recusa.

– Preciso ir aí – diz.

– Tudo bem. – Desligo o telefone e me recosto na cadeira.

Como comissário de polícia de

nas. A contusão do olho resultou em hemorragia cerebral... provocando sua morte.”

Fico olhando para o papel. Sinto náuseas.

– Alguém foi preso?

– Não – responde ele. – E isso é o mais estranho. Não vejo nem sinal de uma investigação de homicídio.

– E por que não investigaram? – pergunto.

Sem saber o que dizer, Lenny apenas me olha.

Eu tenho de investigar esse caso. E não vou sossegar até **descobrir quem matou essa mulher** e por quê.

Nova York, trabalho 18 horas por dia, seis dias por semana. O gabinete está sempre mergulhado no burburinho de reuniões e telefonemas – o ritmo acelerado de decisões sobre tragédias, heróis, escândalos e absurdos. Mas agora o tempo parou para mim e não consigo sequer me mexer.

Por fim, batem à porta. Lenny entra no gabinete. Pela fisionomia dele, posso ver que as notícias não são boas.

– Estou com o laudo do legista – diz.

– É pior do que eu imaginava?

– É. Deixe-me ler o resumo: “Este é o caso de uma mulher que aparentemente sofreu lesões traumáticas múltiplas, resultando em diversas contusões no olho esquerdo, na nádega esquerda, nas coxas e nas per-

Escuto histórias como essa dez vezes por dia. Ouço falar de tantas vítimas iguais a ela que fica difícil lembrar de cada uma delas. Mas esse caso do passado eu mesmo tenho de investigar. E não vou sossegar enquanto não descobrir quem a matou e por quê.

Há um nó em meu estômago. Outra vez olho o laudo do legista. A data ali registrada é 14 de dezembro de 1964. Patricia Curtis, mulher branca, 34 anos, morreu em Newark, no Estado de Ohio, depois de ser espancada.

Foi enterrada sob um dos dez nomes listados em sua ficha criminal. Quase perco a voz quando digo em voz alta: “Patricia J. Kerik.”

Patricia era minha mãe.

## Segundas chances

**P**ATRICIA JO BAILEY era uma mulher pequena e enérgica, de cabelos castanhos, cuja infância não a preparara para o casamento nem para a maternidade. Cresceu em Cleveland, numa família de oito filhos. A mãe não se importava muito com as crianças, a não ser na hora das tarefas domésticas.

A maioria se tornou alcoólatra, e duas das irmãs mais velhas de Patricia se envolveram com prostituição na adolescência. Uma de minhas tias contou que Patricia “era a mais bonita e inteligente, mas estava sempre no lugar errado, com as pessoas erradas”.

Foram seus olhos que atraíram meu pai, Donald Kerik, o único homem correto em sua vida. Não é preciso olhar com muita atenção as fotos antigas para ver naqueles olhos um mar de tristeza e inquietação.

Ainda hoje meu pai parece sofrer quando fala de Patricia. Diz que ela era “impossível”. Quando os dois se conheceram em Cleveland, ela estava com 21 anos – três a mais do que ele – e já tivera dois maridos.

Casaram-se em 1952. Desde o começo houve problemas. Meu pai não conseguia mantê-la longe dos bares. E, uma vez lá dentro, não conseguia mantê-la afastada de outros homens. Em meados de 1955, o casal se mudou para o norte de New Jersey, onde vivia a irmã de meu pai, Betsy. Papai arranhou trabalho numa oficina mecânica, e a família de tia Betsy

parecia ser uma boa influência para os jovens Keriks.

Naquele mês de setembro, Patricia deu à luz um menino de 3,350 quilos e 48 centímetros. Batizaram-me Bernard Bailey Kerik, em homenagem ao irmão de minha mãe.

Infelizmente, a chegada do filho não tornou a vida do casal mais estável. Caíram numa rotina terrível: minha mãe fugia em suas aventuras e voltava semanas mais tarde, implorando a meu pai que a perdoasse. Às vezes me levava a Ohio para ver a família ou algum homem do qual não queria desistir. Depois me arrastava de volta a New Jersey e pedia a papai uma segunda chance.

Após alguns anos assim, esgotaram-se as segundas chances. Em 1957, meus pais se separaram e, pouco tempo depois, divorciaram-se.

Papai tentou conseguir minha guarda, mas o advogado avisou que as mães quase sempre ganhavam a disputa pela custódia dos filhos. “Você pode provar que ela é uma péssima esposa”, disse o advogado. “Mas não pode provar que é péssima mãe.”

No fim das contas, não teria sido tão difícil assim provar.

## ‘Eu amo esse menino’

**D**E VOLTA a Ohio, Patricia não demorou a cair na mesma vida de bebedeiras e homens irresponsáveis. Nas noites em que ela não voltava para casa, eu ficava com parentes e amigos.

---

---

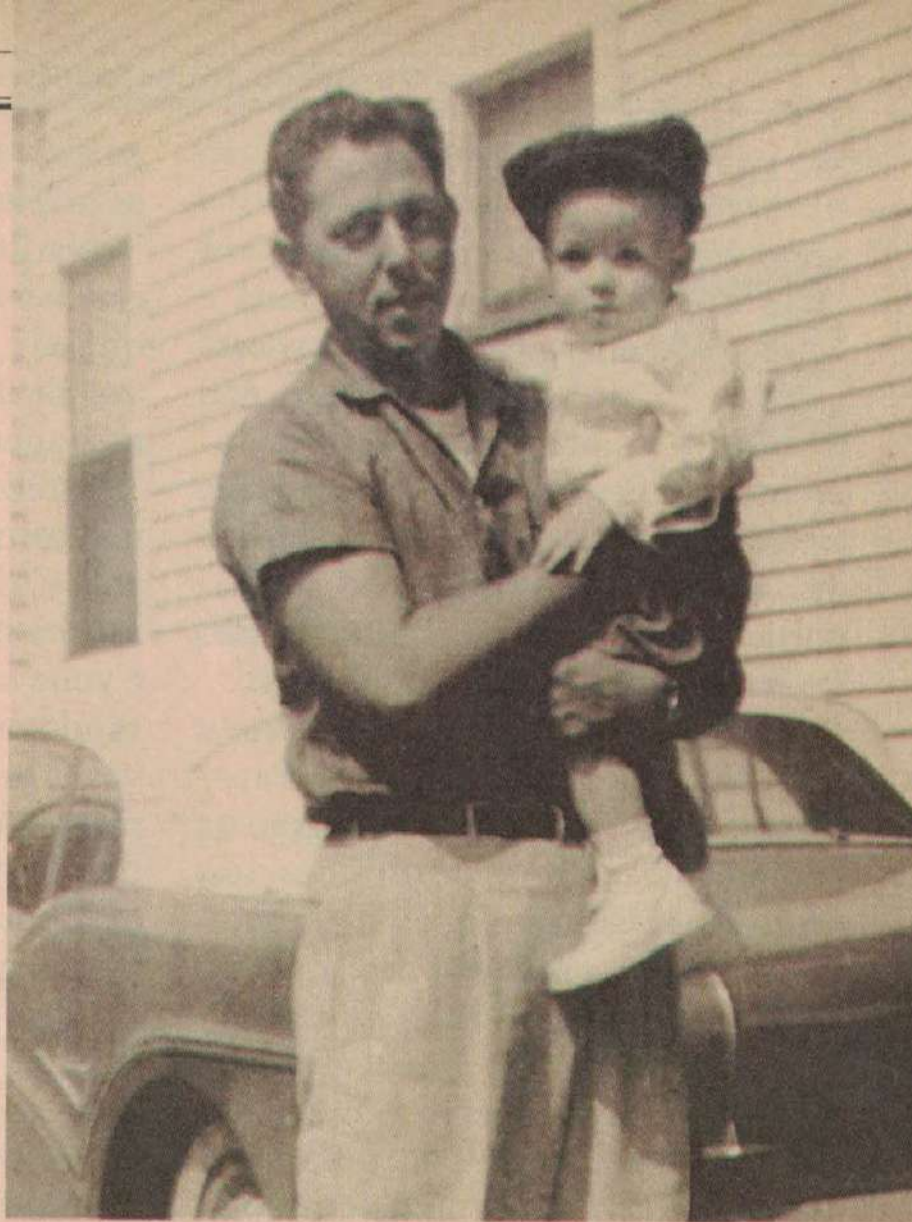
No fim de 1958, minha mãe se casou de novo. Lembro-me muito pouco do marido, Jack Dean, e da nossa vida em Ohio. Ela o conheceu numa reunião dos Alcoólicos Anônimos, depois de o tribunal ordenar que ela passasse três meses num hospital ou numa instituição, na tentativa de controlar seu alcoolismo. Durante essa época, fiquei com uma tia. Entretanto, a internação não a afastou da bebida por muito tempo.

Também descobri por meio de um parente que Patricia se envolveu no tráfico de escravas brancas – meninas levadas a Nova York para trabalharem como prostitutas.

De imediato me vêm à mente meus tempos de policial em Nova York, subindo e descendo a Rua 42 Oeste, e as mulheres que se vendiam ali. Tento imaginar minha mãe naqueles rostos tristes. Quantas dezenas de mulheres iguais à minha mãe eu preendi?

“Durante algum tempo, sua mãe cuidava bem de você”, disse-me um parente. “Mas depois jogava tudo para o alto e fugia. Você era um menino doce e feliz. Ela queria ser uma boa mãe. Só acho que não sabia como.”

O quarto casamento também terminou, e minha mãe começou a namorar Claude Curtis, um homem negro de Newark, Ohio. Quando os



**Vínculo forte** – Tio Bob e eu. ‘Pensava sempre em você’, ele me disse um dia.

dois saíam para beber e farrear pela cidade, eu ficava com a mãe de Claude, em sua pequena casa próxima a Columbus. Cheguei a passar vários meses seguidos com ela.

É a mão dessa mulher que se estende para mim no meu sonho recorrente, e é a casa dela que vejo à noite, o lugar onde me sentia sozinho.

No entanto, não fosse pela atenção e pelo carinho dessa mulher, os meses que passei ali teriam sido muito piores. Durante o dia, a mãe de Claude tomava conta de outras crianças e eu brincava com elas. À

noite, porém, elas iam embora, e a minha solidão aumentava.

Quando eu ia dormir, duas perguntas martelavam minha mente: onde estava minha mãe? E por que ela não vinha me buscar? A cada manhã, eu continuava sozinho, e as perguntas, sem resposta.

Por fim, meu tio Bob Bailey resolveu dar um basta naquilo. Era um dos irmãos mais velhos de minha mãe e também meu padrinho. Num dia de 1959, pegou o telefone e ligou para meu pai, em New Jersey.

concordou Bob. – Mas eu amo esse menino e sei que você vai cuidar dele.

– Se eu for pegá-lo, você nunca mais vai vê-lo – avisou meu pai.

– Eu sei – disse Bob. – Mas, se você não vier agora, ele vai se perder para sempre.

Meu pai levou cerca de três meses para conseguir a guarda. Quando foi com a polícia à casa da mãe de Claude, achou que eu estava saudável e que a mulher me tratara bem. Diz ele que eu a chamava de vovó.

Quando estávamos deixando a ca-

Imagino que o fato de meu pai me levar embora tenha **acelerado o fim de minha mãe**. Jamais pensei em como deve ter sido duro para ela.

– Donald – disse ele –, é melhor você vir pegar Bernard. Patricia está pior. Não cuida do filho. Foi morar com um sujeito e vem deixando o menino com a mãe dele, enquanto os dois saem para beber.

Papai ficou desconfiado. No passado, a família de Patricia sempre a defendera, e todos me dedicavam um carinho muito grande. Eu passava muito tempo com eles. Por que Bob arriscaria magoar a irmã e perder contato com o afilhado?

– Que história é essa, Bob? – perguntou meu pai. – Sabemos que o sangue fala mais alto.

– Talvez para o resto da família –

sa, ela pediu ao meu pai e à polícia que não culpassem o filho dela. Meu pai assentiu.

No início de 1960, eu começava vida nova em New Jersey com meu pai, que logo se casaria novamente, com Clara. Mais ou menos na mesma época, Patricia Bailey, então com 30 anos, foi presa na pequena cidade de Mansfield, Ohio, acusada de prostituição. Nunca mais a vi ou ouvi falar dela.

Imagino que o fato de meu pai me levar embora tenha acelerado o fim de minha mãe. Passei tantos anos com raiva, imaginando por que nunca voltara para me buscar, que



jamais pensei em como deve ter sido para ela: estar numa situação tão degradante e perder o único vínculo que tinha com uma vida normal.

É difícil agora olhar sua vida reduzida à ficha criminal e ao laudo do legista. E parte da minha vida também se encontra nessas páginas. Sempre me pergunto quanto de nossa personalidade se molda a partir de pessoas e acontecimentos da infância dos quais pouco nos lembramos.

Fico imaginando se as características que me permitiram ter sucesso na vida – senso de justiça e dever, necessidade de proteger os outros, aversão

aos 16 anos. Mais tarde entrei para o Exército.

Em 1977, ao voltar da Coreia, fiquei na base de Fort Bragg. A carreira militar chegava ao fim, e eu não estava certo sobre o que poderia fazer. Eu queria trabalhar na polícia, e até mandei currículo para vários departamentos, mas não tinha nenhuma indicação de que conseguiria.

Um dia, quando cheguei ao quartel, fui informado de que havia uma ligação para mim.

– Bernard? – perguntou a voz do outro lado da linha.

## Havia muitas outras páginas, mas **não consegui ir adiante. Não pude.** Fechei os olhos e o álbum.

ao crime e força de vontade – não seriam meros instrumentos de defesa e sobrevivência de uma criança.

Talvez o que via como a luta por uma carreira e uma vida honradas seja apenas a eterna perseguição ao fantasma de meu desamparo.

### Álbum do bebê

**N**OS BAIRROS violentos da New Jersey industrial, cresci assistindo a séries de heróis na televisão e me interessei pelas artes marciais. Não ligava muito para os estudos e acabei largando a escola

Era tio Bob. Meu pai já havia me falado um pouco a seu respeito, de como ele o ajudara na questão da guarda.

Tio Bob perguntou como eu estava e pareceu sinceramente feliz ao saber das aulas de artes marciais e das viagens com o Exército. Então contou que minha mãe havia morrido em 1964.

Olhei ao redor, talvez para ver se havia alguém por perto. Mas eu estava sozinho.

– O.K. – Foi o único som que consegui emitir.

Bob disse que tinha algo para mim. Pedi que enviasse para a casa

de meu pai. Ele me desejou boa sorte e, depois de um tempo, desligamos.

Dois meses mais tarde, eu estava em casa, em New Jersey, quando minha madrastra, Clara, entregou-me uma pequena caixa endereçada a mim. Dentro, havia um álbum simples de bebê.

Na capa estava escrito: "Diário do bebê". Abri na primeira página: "Nossa jóia mais rara." A página seguinte exibia o retrato de um menino, com penugem castanha no alto da cabeça e olhos tranqüilamente fechados. A caligrafia cuidadosa e feminina dizia: "Esta foto, Bernard Bailey Kerik, foi tirada assim que você nasceu."

Havia muitas outras páginas, mas não consegui ir adiante. Não pude. Fechei os olhos e o álbum. Guardei-o na caixa e enfiei tudo numa gaveta.

Só voltei a abrir aquele álbum 25 anos depois. A essa altura, já havia trabalhado no sistema penitenciário, dirigido a prisão do Condado de Passaic, em New Jersey, e atuado como policial e agente secreto em Nova York.

Também ajudara a transformar as Ilhas Rikers, como vice-comissário do departamento penitenciário. Depois disso, fui promovido a comissário do departamento penitenciário. Então, em agosto de 2000, veio a nomeação para o cargo de comissário de polícia de Nova York.

E foi assim que me vi sentado na-

quele gabinete, em maio de 2001, pensando sobre o assassinato de minha mãe em 1964. Mesmo depois de todos aqueles anos, seu desaparecimento continuava a ser o maior mistério da minha vida, um mistério que eu ansiava por resolver.

## Prováveis suspeitos



QUI ESTÁ ele." Lenny Lemer joga a pasta grossa sobre a mesa. Passaram-se dois me-

ses e meu amigo acaba de voltar de Ohio, onde ele e outro detetive, Bobby Hom, deram prosseguimento às investigações sobre a morte de minha mãe. Graças ao nosso pedido, o chefe de polícia de Newark, H. Darrel Pennington, concordou em reabrir o caso e designar alguns de seus detetives para estudá-lo.

Olho a pasta sobre a mesa. Abro-a e deparo com o olhar frio e indiferente de Claude Curtis, o homem que estava com minha mãe em 1960. A foto é de 1969 e se encontra anexada à lista de acusações criminais e mandados contra ele.

A lista se estende por duas páginas: vandalismo, perturbação da ordem, embriaguez e estupro. Mas o crime preferido de Claude Curtis era a agressão. Entre 1960, quando Patricia perdeu minha guarda, e 1964, quando ela morreu, Curtis foi preso quatro vezes por agressão e espancamento.

Presto atenção dobrada às agres-

sões. Às vezes, Curtis usava uma faca como arma, mas em geral esmurrava as pessoas, quase sempre no lado esquerdo do rosto. É provável que fosse destro.

O assassino de minha mãe devia ser destro, pois a maioria dos hematomas estava no lado esquerdo do rosto e do corpo, embora isso, por si só, não queira dizer muito. Deixo a pasta de lado e encaro Lenny.

– Então, o que acha? Foi ele?

Lenny encolhe os ombros.

por agressão em Dayton, Ohio, no centro do Estado.

Com o abandono de Claude e minha partida para New Jersey, Patricia afundou ainda mais. Em 1961, foi presa outra vez por prostituição e cumpriu dois meses de uma sentença de um ano. Então fugiu de um hospital de Columbus, onde vinha se tratando do alcoolismo, e, em dezembro de 1962, tornou a ser presa.

Chegou ao fundo do poço em

Um policial novato poderia ter olhado as lesões no corpo de minha mãe e visto que **não haviam sido feitas enquanto ela dormia.**

– Não sei. Talvez.

Concordo. Claude Curtis seria um suspeito óbvio. O crime condiz com sua ficha criminal. No entanto, Lenny e eu estamos reconstruindo a trajetória de minha mãe desde 1958, quando se divorciou de meu pai, até sua morte em 1964, e pode ser que na época Claude já estivesse fora de cena.

Por volta de março de 1960, quando papai me encontrou na casa da mãe de Claude, Patricia foi presa por prostituição em Mansfield, a uma hora de Newark. Acho que Claude e minha mãe devem ter se separado em torno dessa época, porque em 1960 ele foi preso duas vezes

1964, na zona leste de Newark. Na época, essa era uma região barrapitada, predominantemente negra, cheia de bares, prostíbulos e casas em ruína, uma área perigosa conhecida como Pequena Chicago. Os homens vinham de toda parte para beber, comprar drogas e fazer sexo com as prostitutas. Parece que a polícia ignorava a Pequena Chicago e a deixava à mercê de cafetões e cafetinas.

Foi ali que minha mãe conheceu o cafetão e vigarista William E. Byes, que se revelaria – por impossível que pareça – de pior espécie que Claude Curtis. Byes andava com um sujeito ainda mais perigoso e violento

to, um matador de aluguel chamado Jay W. Allen. Byes e Allen tinham um punhado de apartamentos em Newark, que alugavam às prostitutas por alguns trocados. Num desses apartamentos, numa manhã de dezembro de 1964, a vida de minha mãe chegou ao fim.

Lenny põe um pedaço de papel sobre a mesa. É uma reportagem já amarelada do *Advocate*, o jornal de Newark. O artigo de 1964 noticia por engano que minha mãe era casada com Claude Curtis. O texto informa que uma investigação pericial “com certeza será realizada a fim de esclarecer a morte de Patricia Curtis”.

Mas não há registro de inquérito ou investigação. Aparentemente, os policiais não queriam escarafunchar o homicídio de uma prostituta branca que dormia com homens negros. Assim, o caso foi enterrado com ela.

Qualquer policial novato poderia olhar os hematomas e os traumatismos do corpo e ver que as lesões não haviam sido feitas enquanto ela dormia na cama de William Byes. Não, Lenny e eu estamos convencidos de que só existe uma explicação: minha mãe foi brutalmente assassinada.

As possibilidades giram na minha cabeça: Byes é um suspeito óbvio.



**Em guarda** – Em 1985, trabalhando no sistema penitenciário, fiz a escolta de presos durante seu julgamento.

Segundo a notícia, ele alegou tê-la encontrado semiconsciente em sua cama, às 9 horas. Então, onde ele estivera a noite toda? Será que tinha um alibi? Os policiais ao menos perguntaram?

Talvez acreditassem que Byes não a tivesse matado por ter sido ele quem chamou a ambulância. Tal-

vez ele costumasse bater nela, e daquela vez exagerara. Ou quem sabe o assassino fosse o amigo, Jay W. Allen.

Além deles, havia Claude Curtis. A reportagem afirmava que ele e minha mãe estavam separados. Entretanto, podia ser que Curtis estivesse com raiva por ela estar trabalhando para Byes e tivesse ido procurá-la em Newark.

Fito a pilha de documentos, fichas policiais e atestados de óbito. Lenny e eu tínhamos consciência o tempo todo de que descobrir algo depois de 37 anos seria complicado, que resolver o homicídio de minha mãe talvez fosse impossível. No entanto, ainda tenho muitas perguntas.

– Preciso ir até lá – digo de súbito.

Lenny me encara.

– O quê?

– Preciso ir a Ohio.

## O mundo de Patricia

**L**ENNY LEMER detesta viajar de avião. Por isso, quando pouso em Columbus, em agosto de 2001, Lenny e Bobby Hom já se encontram na cidade. Estão me esperando no carro em que vieram de Nova York.

Sento-me no banco traseiro e olho pela janela, perdendo-me na paisagem plana de Ohio. Talvez, no fundo, eu sempre tenha sabido que um dia teria de voltar.

Seguimos para o leste até Newark, última parada no declínio de

minha mãe. Trata-se de uma antiga cidade do Meio-Oeste com cerca de 50 mil habitantes, erigida ao longo do Rio Licking e da rede de córregos e regatos que o alimentam.

No estacionamento do hotel, quando nos preparamos para reconstituir os passos de minha mãe, digo a Lenny que prefiro começar pelo fim. Quero ver o apartamento no número 62 da Brice Court, onde – segundo a reportagem e o atestado de óbito – minha mãe fora encontrada morta.

Lenny e Bobby titubeiam.

– Qual é o problema? – pergunto.

– A casa não existe mais – responde Lenny.

– Tudo bem, vamos ver a rua.

Lenny e Bobby se entreolham.

– O que há?

– Você já está nela – informa Lenny.

O prédio 62 da Brice Court e os edifícios arruinados que o cercavam foram todos demolidos para dar lugar ao hotel e ao estacionamento. Meu corpo estremece quando me dou conta de que estou no local em que minha mãe foi morta.

Corro os olhos pelo estacionamento, tentando imaginar como seria naquele tempo, o que minha mãe via ao andar por essa rua.

Lenny possui um mapa do centro antigo de Newark que mostra quais construções foram demolidas desde 1964. Quase todos os prédios exibem a palavra “Demolido”.

Brice Court nem está no mapa antigo. Talvez não passasse de um beco escuro.



**Boa companhia** – O prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, à esquerda, com meu filho, Joe, e eu em março de 2001.

Apesar disso, achamos a rua no registro municipal, com apenas três endereços listados: Brice Court 58, onde morava o cafetão Jay W. Allen; Brice Court 60, que então se achava vazia; e Brice Court 62, no qual minha mãe foi assassinada e onde William E. Byes figura como único residente.

A reportagem do jornal diz que a casa de Patricia ficava no número 194 1/2 da East Main Street, cerca de 800 metros de onde ela morreu. Quase posso vê-la cruzar da Second Street para a Easy Street e depois atravessar a ponte do Rio Licking em direção à zona leste de Newark.

Parado na rua, percebo que esta Newark é bem diferente do lugar

onde minha mãe viveu 40 anos atrás. Não só as pessoas morreram; todo o seu mundo desapareceu.

## Uma visita memorável

**D**ECIDO QUE é hora de dar o passo seguinte, e partimos para Plain City, uma cidade minúscula no outro lado de Columbus. Lenny, Bobby e eu vamos ao escritório de Steve Hilbert, o chefe de polícia.

Um dos primeiros mistérios do caso era o local em que minha mãe estaria enterrada. Lenny e outro detetive do Departamento de Polícia de Nova York investigaram todos os

cemitérios de Columbus, mas nada descobriram.

Por fim, acharam a mulher de tio Bob, que lembrou que minha mãe fora enterrada em Plain City, com o nome de Patricia Bailey. Quando, porém, telefonaram para Hilbert, ele não a encontrou registrada lá.

Um dia depois de conferir os documentos das casas funerárias, Hilbert entrou no cemitério. E ali, numa lápide, viu o nome Patricia J. Kerik. Espantado, ligou para Nova York e me disse: "Eu a encontrei."

Tio Bob havia registrado minha

quando saio do carro e sigo o chefe de polícia. Ele se detém diante de duas pequenas pedras tumulares, dispostas lado a lado na grama maltratada.

Paro ao lado de Hilbert com o coração em disparada e o estômago embrulhado. Leio o nome na primeira lápide: John Bailey. É um dos irmãos de minha mãe, espancado até a morte em 1952. Esse é o legado da família: violência na infância, problemas com álcool e drogas, morte prematura.

A seu lado está a outra lápide. E

**Não posso trazê-la de volta. Não posso mudar o que aconteceu. Mas pelo menos eu a encontrei.**

mãe no cemitério com o sobrenome de Claude Curtis. Mas meu xará, Bernard Bailey, irmão mais velho de Bob, tomou a decisão que me levaria até ali. Mandou gravar o sobrenome Kerik na pedra, talvez por acreditar que Donald Kerik, meu pai, tivesse sido o melhor homem da vida dela.

No entanto, acho que, na verdade, o motivo foi outro. Ele deve ter imaginado que um dia o filho que Patricia perdeu viria procurá-la.

Sigo no carro de Hilbert até o cemitério; Lenny e Bobby vão atrás. Da rodovia, a estrada de terra nos conduz ao cemitério plano e austero. Está sinistramente silencioso

sei o que diz antes mesmo de olhar: Patricia J. Kerik.

Fico sem ar ao ver o nome gravado no granito. E não consigo acreditar que enfim a achei. Aqui estou afinal, no lugar onde descansa minha mãe. Aqui estou, tão perto da mulher que me deu à luz. Não posso trazê-la de volta. Não posso mudar o que aconteceu. Mas pelo menos a encontrei.

Lágrimas me vêm aos olhos, ocultas pelos óculos escuros. Uma alma perdida se encontra enterrada aqui, esquecida nessa pequena cidade de Ohio. Tenho certeza de que sou o primeiro a visitá-la em décadas, o filho que tenta recuperar o passado, descobrir seu legado envolto em som-



**Paz, afinal** – ‘Partes de minha mãe ainda vivem em mim.’

bras e talvez dar voz a ela – a essa mulher perdida, castigada e esquecida.

Permaneço ao lado da sepultura por mais alguns minutos, quieto e desorientado. Quero trazer de volta, de qualquer forma possível, por palavras ou ações, a bondade que um dia deve ter lhe enchido o coração, o amor que ela jamais conheceu.

De volta ao hotel, vago pelo quarto olhando através da janela. Nunca fui de pensar no passado. Sempre estive ocupado demais em seguir em frente, tentando sobreviver.

Agora, quando olho para trás, penso na minha mãe e fico imaginando como sua vida poderia ter sido diferente se alguém, quem quer que fosse, tivesse acreditado nela e dito: “Você é capaz.” E também vejo que, das sobras de sua vida, construí o ho-

mem que sou hoje. Tive a sorte de encontrar pessoas – o prefeito Giuliani e outros – que acreditaram em mim, deram-me oportunidades e me impulsionaram para além de quaisquer expectativas minhas.

Por fim, eu me afasto da janela. Estou em paz comigo mesmo.

## Caso encerrado

**N**A MANHÃ anterior ao vôo de volta a Nova York, encontro-me com dois policiais de Newark no café da manhã. Eles correram atrás de novas

informações sobre o caso, de pessoas que pudessem ter conhecido minha mãe. Entretanto, os anos, a bebida e as drogas deixaram poucas testemunhas. A maioria delas está morta há tempos.

Algumas prostitutas se lembram de Patricia, e há mulheres que recordam sua morte. No entanto, não querem falar a respeito. “Por que desencavar essa história?”, pergunta uma velha cafetina. “Enterre isso. Esqueça.”

Os detetives de Newark repetem o que Lenny e eu descobrimos por conta própria: William E. Byes, que alegou ter encontrado minha mãe sofrendo convulsões em seu apartamento, era um bandido perigoso. Seu parceiro, Jay W. Allen, talvez fosse ainda pior. Uma mulher diz



que ele era “cruel e violento como uma cascavel”. Ambos eram cafetões com um longo histórico de maus-tratos a mulheres. Pode-se dizer o mesmo de Claude Curtis.

Descobrimos que Curtis passou o resto da vida em Dayton, Ohio, e morreu em 1992. Jay W. Allen e William Byes também estão mortos. Byes morreu em fevereiro de 2000.

E assim a pergunta continua a me perseguir: o que aconteceu na manhã do dia 14 de dezembro de 1964? E quem matou minha mãe?

Depois de relembrar a vida dela e a minha, vejo que sua morte começou muito antes daquele dia. Teve início com a infância desumana e solitária, e terminou na mão de homens violentos. Cada um deles tirou um pouco de sua vida, até que alguém desferisse o golpe final. Agora, quando pergunto “Quem matou minha mãe?”, já sei a resposta.

Todos. A própria família desequilibrada, bem como os três homens com quem ela esteve no fim da vida.

O que me incomoda é que ne-

nhum deles esteja vivo para responder pelo homicídio. Passei a vida em busca da justiça e, no caso de minha mãe, ela nunca virá.

Agradeço aos detetives o tempo gasto, a dedicação e a perseverança. Entro no carro e dou início à viagem de uma hora até o aeroporto de Columbus. Minha mente se aquieta; eu fecho os olhos.

A LUZ SE INFILTRA pela fresta da porta. Ouço vozes do outro lado. Vejo o rosto de minha mãe. De uma foto antiga, reconheço seus olhos. São os meus olhos. Tento alcançá-la. Quero conversar. Só uma vez.

Quero dizer que agora entendo por que não estava lá comigo. Por que nunca voltava. Quero dizer que está tudo bem. E quero que ela me olhe e veja o homem que me tornei, que sinta orgulho de mim.

Durante 41 anos fui perseguido pelo sonho do menino abandonado. Agora sei os motivos. E pela primeira vez posso dizer à minha mãe: “Eu entendo. E perdôo você.”

## ACROBACIA DOMÉSTICA



Uma noite, eu estava tomando café com meus amigos, Jen e Tom. Enquanto batíamos papo, notei que Tom tinha uma queimadura no queixo. Achei que era um lugar esquisito para se ter uma queimadura e perguntei-lhe o que havia acontecido.

– Eu estava passando uma camisa – explicou.

Ainda mais perplexa, insisti:

– Mas como conseguiu queimar o queixo passando uma camisa?

– É que eu estava vestido com ela – esclareceu Tom.

– HEATHER REID, *Canadá*